

A vitória de Barack Obama: as reacções da Rússia, da Ucrânia e da Bielorrússia

Alena Vysotskaya Guedes Vieira . Núcleo de Investigação de Ciências Políticas e Relações Internacionais . Universidade do Minho

No dia 5 de Novembro, Barack Obama recebeu felicitações de muitos líderes mundiais, incluindo dos Presidentes da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia. As reacções destes três líderes, porém, representam diferentes esperanças, e têm também implicações diversas para as futuras relações com os Estados Unidos.

O Presidente russo, Dmitri Medvedev, enviou um telegrama para o secretariado de Barack Obama – ao contrário dos outros líderes mundiais, preferiu não telefonar pessoalmente ao presidente eleito dos Estados Unidos. Dmitri Medvedev também não fez parte dos sete líderes a quem Barack Obama agradeceu pessoalmente as felicitações. No entanto, do dia 6 de Novembro, durante a visita de Sílvio Berlusconi a Moscovo, Dmitri Medvedev declarou que a Rússia «felicita cordialmente» Barack Obama e espera que ele seja um Presidente que possa «construir de modo correcto a política interna e externa do seu país» e consiga «construir fundações fortes para as relações entre a Federação Russa e Estados Unidos».

A reacção oficial do Presidente da Rússia foi complementada com referências aos EUA na sua mensagem anual ao Parlamento, a 5 de Novembro. No seu discurso, que foi adiado duas vezes (23 de Outubro e 4 de Novembro, sendo este último Dia de Unidade Popular, o feriado nacional na Rússia),¹ Dmitri Medvedev criticou os EUA em várias ocasiões (incluindo a crise financeira e o alargamento da NATO), propôs uma emenda à Constituição, alargando assim o mandato presidencial de quatro para seis anos, e também anunciou o estacionamento de mísseis tácticos *Iskander* (SS-26) em Kaliningrado (o enclave russo entre a Polónia e Lituânia) como resposta ao estacionamento dos sistemas antimísseis dos Estados Unidos na Europa Central. A declaração de Dmitri Medvedev foi uma surpresa, visto que os Democratas são tradicionalmente críticos em relação ao estacionamento dos sistemas antimísseis, uma posição que possivelmente poderá consolidar-se, no contexto da crise económica e da aspiração de Barack Obama de melhorar as relações com a Rússia. O *timing* do discurso do Medvedev e as suas referências aos Estados Unidos geraram uma tempestade nos *media* norte-americanos e em muitos Estados da União Europeia. Assim, os primeiros passos do Dmitri Medvedev depois da eleição de Barack Obama mostraram que ele não considera essa vitória como um ponto de viragem nas relações com a Rússia, e que, seja quem for o futuro Presidente dos EUA, a Rússia está determinada em marcar uma posição forte, e, finalmente, que o líder da Rússia, ao contrário dos outros líderes mundiais, não está disposto a dar um crédito de confiança a Barack Obama.

O Presidente ucraniano, Victor Iushchenko, felicitou «sinceramente» Barack Obama no dia 5, e classificou a «parceria estratégica entre a Ucrânia e Estados Unidos como uma relação de importância para a paz e estabilidade mundiais». Julia Timoshenko também felicitou Barack Obama, considerando a sua vitória histórica como uma inspiração política para a Ucrânia. Talvez a eleição de John McCain, que claramente privilegiou a Ucrânia na sua agenda política, tivesse sido uma melhor opção para os líderes ucranianos do que Barack Obama, com a sua posição ambígua nos assuntos de Leste. Mesmo assim, ninguém considera a vitória de Barack Obama como uma ameaça para a integridade e independência da Ucrânia – um argumento utilizado por Sarah Palin durante a campanha eleitoral. Barack Obama não é de forma alguma um obstáculo para as aspirações euro-atlânticas da Ucrânia. Quanto à sua (ainda) indefinição política em questões de Leste, ela pode vir a ser um instrumento tão eficaz para os interesses da Ucrânia (especialmente nas relações EUA-UE-Ucrânia) como a agenda forte de John McCain, mais comprometida, dada a continuidade em relação às políticas de George Bush. No entanto, a linha política de Barack Obama, que é mais subtil e equilibrada, transforma a situação interna da Ucrânia, que está a passar por uma dupla crise, política e económica, num factor ainda mais importante do que era no passado. Nesse sentido, é notável que a vitória do Barack Obama e as respectivas perspectivas de cooperação entre os dois países tenham sido uma questão secundária nos meios de comunicação da Ucrânia, que privilegiaram a notícia da concessão de crédito por parte do FMI.

Também o Presidente bielorrusso, Aliaksandr Lukashenka, felicitou Barack Obama. O gabinete de imprensa do Presidente emitiu uma curta nota, indicando somente que Lukashenka tinha enviado um ao futuro Presidente norte-americano. Este acto foi um ponto de viragem: o último presidente que recebeu felicitações oficiais bielorrussas foi George Bush, em 2000. O actual telegrama bielorrusso representa também a primeira comunicação oficial, a este nível, desde 2004, e marca a diferença com as tradicionais acusações em relação às ambições imperiais dos EUA e à política de *double standards* de Washington. Ao mesmo tempo, a declaração da Bielorrússia faz parte da sua política activa de criar, ou encontrar, um contrapeso à influência da Rússia e à pressão da União Europeia, e também de tentar fazer evoluir a posição dos EUA em relação à Bielorrússia para uma posição de pragmatismo, evitando assim sanções económicas. No entanto, as esperanças da Bielorrússia não estão ligadas à vitória simbólica de Barack Obama.

Assim, os chefes de estado da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia não estão necessariamente fascinados pela vitória histórica e simbólica de Barack Obama. Onde essa leitura existe, como no caso da Ucrânia, as esperanças de mudança coexistem com a incerteza em relação à política que Barack Obama vai seguir. Nesse sentido, a mudança, que fascinou a sociedade dos Estados Unidos e aproximou o país do mundo, tem um significado particular no entendimento dos líderes dos países de Leste. Isso é especialmente o caso da Rússia, onde Dmitri Medvedev

mostrou claramente que não acredita em mudança, e por isso não está disposto a dar tempo para que seja formada uma política nova, uma política de mudança, em Washington. E assim realizaram-se as previsões de Joseph Biden, indicando que Barack Obama teria um «estado de graça» inferior a seis meses. Joseph Biden só se enganou na escala temporal: o estado de graça de Barack Obama não chegou sequer a seis dias.